A Invenção do Rio Amazonas na Cartografia (1540-1560)

La Invención del Río Amazonas en la Cartografía (1540-1560)

The Invention of the Amazon River in Cartography (1540-1560)

L'invention du fleuve Amazone dans la cartographie (1540-1560)

Lucas Montalvão Rabelo

Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/terrabrasilis/7443>

DOI: 10.4000/terrabrasilis.7443

ISSN: 2316-7793

Editora

Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

Referência eletrônica

Lucas Montalvão Rabelo, «A Invenção do Rio Amazonas na Cartografia (1540-1560)», *Terra Brasilis* [Online], 14 | 2020, posto online no dia 31 dezembro 2020, consultado o 05 dezembro 2022. URL: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/7443> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/terrabrasilis.7443>

Este documento foi criado de forma automática no dia 5 dezembro 2022.

All rights reserved

A Invenção do Rio Amazonas na Cartografia (1540-1560)

La Invención del Río Amazonas en la Cartografía (1540-1560)

The Invention of the Amazon River in Cartography (1540-1560)

L'invention du fleuve Amazone dans la cartographie (1540-1560)

Lucas Montalvão Rabelo

Introdução

- 1 No ano de 1558, o chamado *Queen Mary Atlas* era concluído com quatorze cartas produzidas pelo cartógrafo português Diogo Homem. Apenas nove delas sobreviveram até hoje. Na carta sobre a América Meridional (Figura 1), o continente é representado e povoado com uma série de ornamentos visuais. Seu traçado era conhecido há pouco mais de 50 anos. Um dos destaques no mapa é a representação do então chamado “Rio das Amazonas”. Seu formato serpenteado, suas cores escuras e grande dimensão – favorecida pela distorção leste/oeste da América do Sul – o ressaltam em relação ao rio da Prata e às demais figurações. Os topônimos “Peru” e “América” encontram-se próximos a sua parte noroeste; enquanto *Canibales* está logo a sua direita, entre o curso do rio Amazonas rumo a sua foz e o topônimo *Brasilis*.
- 2 Essa representação do rio Amazonas e da América do Sul, além de poder ser entendida como um exemplar “artístico” do período, também pode ser contextualizada historicamente e reinserida dentro de uma interpretação baseada no processo de invenção da América, em que o rio Amazonas estava diretamente relacionado. Esse longo processo mobilizou não só cartógrafos, mas outros homens europeus em uma busca para interpretar e conceder sentidos aos dados geográficos obtidos nas novas terras descobertas no além-mar.
- 3 Essa reflexão fundamenta-se na reinterpretação dos mapas históricos propostos pela chamada Nova História da Cartografia, da qual Brian Harley (2005) foi um dos expoentes. Acrescenta-se também as discussões sobre a assimilação do continente

americano, bem como de suas partes, ao pensamento europeu na Primeira Modernidade. Sobre esse segundo ponto, faz-se necessário afirmar que uma interpretação pautada na ideia de descobrimento de entes geográficos em que o encontro de apenas uma parte (ex. Porto Seguro, ilhas caribenhas...) do que posteriormente é entendido como o todo (ex. América, Brasil, rio Amazonas) e confere primazia ao seu descobridor (ex. Colombo, Cabral...) é marcada pela desconsideração do contexto histórico dos agentes envolvidos em tais atos. Tal forma interpretativa limita a compreensão da complexa operação humana envolvida na produção e no desenvolvimento desses entes geográficos forjados no contexto das grandes navegações ultramarinas e em suas ressignificações ao longo do tempo. O entendimento desse processo enquanto uma “invenção”, como proposto por Edmundo O’Gorman (1992) em relação ao continente americano, contribui para reavaliar e complexificar os chamados atos de descobrimento inserindo as concepções geográficas dos agentes contemporâneos, dentro de seu contexto sócio-histórico.

- 4 Nesse sentido, este artigo procura realizar uma pequena contribuição ao debate por meio de uma proposta de entendimento das representações cartográficas do rio Amazonas anteriores e posteriores à expedição de Francisco de Orellana (1541-1542), entendendo-as como parte de um processo de construção/invenção de um novo ente geográfico. O objetivo será analisar esse processo por meio das apropriações das informações obtidas no périplo amazônico, traduzidas imagetivamente aos mapas pelos agentes imperiais europeus e que culminaram na composição de um novo ente geográfico dentro do Novo Mundo, o *Rio das Amazonas*. Para tanto, analisar-se-á os exemplares quinhentistas sobreviventes das décadas de 1530, anteriores à inserção do rio-mar, e das décadas de 1540 e 1550, como os mapas-múndi de Sebastião Caboto (1544) e Sancho Gutiérrez (1551) ligados à Casa de Contratação de Sevilha, além do exemplar mencionado inicialmente, o mapa da América Meridional de Diego Homem (1558) e o estudo de Armando Cortesão sobre o mapa anônimo atribuído a António Pereira (c.1545). Propõe-se, assim, uma reflexão sobre a composição cartográfica do rio Amazonas enquanto um produto individual e social dos cartógrafos quinhentistas formulado a partir da seleção dos dados geográficos obtidos pelos expedicionários de Orellana com a observação e contato com as diversas populações das províncias indígenas.

Figura 1: Detalhe do Rio Amazonas e entorno no mapa da América do Sul de Diogo Homem (1558)

Visão geral da carta no canto inferior direito. *The Queen Mary Atlas*, ff. 24

Fonte: British Library. Disponível em: http://www.bl.uk/manuscripts/FullDisplay.aspx?ref=Add_MS_5415_A

- 5 Inicialmente será explorado o conceito de “invenção da América” formulado por Edmundo O’Gorman e desenvolvido por outros pesquisadores. Na sequência, abordar-se-á os contatos anteriores à década de 1540, responsáveis pelo descobrimento do “Mar Dulce” e logo chamado de “Rio Marañon”. Depois, será analisada a armada de Francisco de Orellana (1541-1542), que percorreu o grande rio, tornando-se sua principal fonte de informações, atentando-se para os sentidos atribuídos às novas informações coletadas. Após a concretização dessa viagem, sua ampla divulgação no Velho Mundo e a incorporação do “Rio das Amazonas” nos mapas quinhentistas, busca-se acompanhar, assim, como foram elaboradas suas primeiras representações nas décadas de 1540 e 1550 e, em seguida, como o padrão serpenteado, a toponímia e as figuras humanas foram estabelecidas e replicadas pelos cartógrafos.

A invenção da América e de suas partes

- 6 O ponto de partida para pensar a participação efetiva dos cartógrafos quinhentistas na construção imagética do rio Amazonas e de sua região não se resume às informações da expedição dos amazonautas complementadas aos dados obtidos previamente (como na expedição de Vicente Yáñez Pinzón, por exemplo, que chegou à foz do rio Amazonas em janeiro de 1500), mas passa por uma reavaliação das impressões dos agentes envolvidos na atribuição de sentidos aos dados obtidos gerando, assim, a invenção/construção de um novo curso hídrico no norte da América do Sul. Essa forma de raciocínio baseia-se nos estudos iniciados por Edmundo O’Gorman.
- 7 Suas reflexões acerca do “descobrimento da América” remontam pelo menos à publicação do livro *La Idea del Descubrimiento de América* (1951). Nele, O’Gorman realiza um exame crítico dos fundamentos da interpretação tradicional do encontro dos europeus com o ente americano partindo da ideia de que a tese casualista, na qual Colombo teria descoberto a América por casualidade (não procurava o continente e nem sabia do que se tratava ao encontrá-lo), carrega uma contradição em sua concepção e na explicação do sucesso colombino. Assim, o historiador analisa como diversos autores do final do século XV e século XVI justificaram aquele ato e quando

passaram a classificá-lo como um “ato de descobrimento”. Em sua obra seguinte, *A Invenção da América* (1992), O’Gorman prossegue com os questionamentos sobre as viagens de Colombo e Vespúcio e passa a propor o entendimento desse processo como sendo uma “invenção da América”. Enquanto a interpretação até então em voga de “descobrimento” pressupõe algo conhecido *a priori* dentro de uma ideia de existência atemporal (ideia de que a América sempre esteve dotada de seu sentido continental), “invenção” remete a uma ideia de construção de um novo ente geográfico a partir da coleta de informações em fins do século XV e início do XVI. A interpretação desses dados foi responsável pela reformulação da cosmografia europeia que rompeu com a antiga ideia do *orbis terrarum* medieval e suas Três Partes (Europa, Ásia e África). Este passou a ser entendido como o novo *globo terrestre* do Renascimento, com a adição da Quarta Parte (América) e a revisão de muitas de suas concepções geográficas.

- 8 As terras desconhecidas encontradas nas primeiras viagens colombinas e de castelhanos ao ocidente do Oceano Atlântico, sob autorização e apoio dos monarcas do reino de Castela, tiveram seu sentido atribuído dentro da cosmografia europeia. Em 1507, o processo de invenção da América teve sua primeira etapa finalizada quando o cosmógrafo Martin Waldseemüller interpretou e assimilou àquelas terras desconhecidas como uma Quarta Parte do mundo conhecido e nomeou-as com base no nome do navegador que considerava mais proeminente no período: Américo Vespúcio (O’Gorman, 1992: 174-175).
- 9 A partir dessas considerações que reinterpretaram o feito colombino e o “descobrimento” da América, outros autores passaram a contribuir com o debate. Walter D. Mignolo (2005) destacou a ausência das percepções geográficas dos povos indígenas do México, Panamá e Peru no trabalho de O’Gorman. As concepções dos nativos divergiam com a totalidade que representava a ideia de “América” e, dessa forma, a utilização de termos como “América” e “América Latina” fazem referência a uma existência geográfica atemporal, um substancialismo pressuposto, que mascara a invenção forjada durante a história colonial, marcada pela implementação das ideias e instituições europeias. O sentido da história americana, que se fundamenta nos relatos do descobrimento, não era de seus nativos, mas dos europeus (Mignolo, 2007: 28-29).
- 10 Ricardo Padrón, em *The Spacious Word* (2004), estuda a literatura cartográfica ibérica (mapas, crônicas e histórias permeadas pelo espaço geográfico) em fins do século XV e no século XVI. Ao prosseguir com a crítica inaugurada por O’Gorman, Padrón reafirma a historicidade da ideia de América, pois mesmo sendo uma fatia do mundo natural, o corte que a originou foi realizado por alguém em específico, em um tempo específico e com razões particulares. Porém, critica o historiador mexicano ao afirmar que a invenção da América não foi um processo nem linear e nem monolítico. Ele afirma que nenhum cronista castelhano usou o termo “América”, mas sim “Índias” em seus escritos sobre a moral e a história natural das terras recém-conhecidas. Dessa maneira, a denominação utilizada é apenas um dos indícios do sentido diverso dado para aquelas terras: enquanto a “América” de Waldseemüller é entendida como uma parte do mundo natural, as “Índias Ocidentais” dos súditos de Castela são uma entidade política, onde por vezes as Filipinas estavam incluídas. São formas diversas de se conceber as novas terras conhecidas (Padrón, 2004: 27-28).

Figura 2: Detalhe do “rio de Marañom” no mapa da América anônimo (c.1532)

Visão geral do mapa no canto inferior direito. Fac-símile

Fonte: Herzog August Bibliothek de Wolfenbüttel. Disponível em: <http://diglib.hab.de/mss/104a-aug-2f/start.htm?distype=thumbs-img&imgtyp=0&size=>

- 11 Paralelamente a esse processo maior de invenção da América, os elementos geográficos regionais também foram objeto de uma assimilação e paulatina identificação própria. No caso do rio Amazonas e de sua região, quatro etapas podem ser definidas a partir do estudo de sua representação na cartografia quinhentista: a primeira, entre 1500-1520, marcada pelo conhecimento de sua foz, o chamado “Mar Dulce”; a segunda, de 1520 a 1542, em que a América do Sul é melhor dimensionada e há uma avaliação sobre o curso interiorano do agora chamado rio Marañón; a terceira, que compreende as décadas de 1540 e 1550, é marcada pela viagem de Francisco de Orellana e o padrão leste/oeste serpenteado do rio de Orellana ou rio das Amazonas; e a última, de 1560 ao final do século, ocorre a partir da expedição de Pedro de Ursúa/Lopo de Aguirre (1560/1561) e um conhecimento maior da complexa bacia amazônica. Nessas etapas, os dados obtidos por exploradores europeus junto às informações oriundas do contato com os nativos foram moldados cartograficamente com elementos da tradição europeia. O objetivo era incorporar o novo ente hídrico, e seu entorno, dotando-o de ícones para as povoações indígenas, especulações sobre seu curso, toponímia, entre outros. Houve, assim, uma operação complexa de síntese cartográfica ao realizar o preenchimento daquele espaço sul-americano (Rabelo, 2015).
- 12 Dentre essas quatro etapas da representação cartográfica europeia do rio Amazonas, a terceira (décadas de 1540 e 1550) teve uma importância fundamental para a futura identidade da região. Nela, o corpo principal do rio – e os elementos de seu entorno – possuía topônimos que sobrevivem até hoje (caso de Amazonas e rio Negro); sua forma serpenteada oeste/leste consolidou-se e permaneceu nos mapas até meados do século XVII; começaram a ser delineadas as diferenças entre as províncias indígenas atribuídas pelos europeus à região; entre outras características. Busca-se agora, analisar esse processo decisivo da representação do rio Amazonas no século XVI.

A expedição de Francisco de Orellana (1541-1542) e a circulação de suas informações

- 13 As viagens oriundas do Peru para as regiões mais interioranas a leste remontam aos episódios ocorridos na sequência de sua conquista pelos castelhanos. Entre eles, destacam-se os diversos desentendimentos que ocorreram entre seus líderes, Francisco Pizarro e Diego de Almagro. Com a chegada do interventor enviado pelo monarca espanhol em 1541, Cristobál Vaca de Castro, a situação tornou-se ainda mais tensa (Bernand e Gruzinski, 1996: 418-438). Nesse cenário, as expedições em busca de riquezas interioranas (como ouro, prata e a canela) eram “válvulas de escape” para as turbulências sociais vividas e foram responsáveis pela arregimentação de espanhóis e mestiços desocupados e sem renda em jornadas ao interior (Heufemann-Bárria, 2012: 42).
- 14 As notícias mais antigas de castelhanos viajando pelo rio Amazonas provêm da expedição de Alonso Mercadillo, no ano de 1538, que teria chegado até os rios Tefé e Coari. Porém, a maior parte do curso hídrico do rio Amazonas, do Peru ao Atlântico, foi percorrida pela primeira vez por europeus com a expedição de Francisco de Orellana. Desmembrada da armada de Gonzalo Pizarro, que atingiu o vale do rio Coca em busca de canela – produto que ali descobriu-se ser inviável para a exploração comercial, Orellana e mais alguns espanhóis procurariam alimentos navegando até a confluência do rio Napo com o rio Coca, a partir de dezembro de 1541. Após atingirem o rio Napo, os tripulantes não resistiram à correnteza e foram levados ao curso principal de águas do rio-mar. A passagem pelas diversas sociedades indígenas nas margens do rio Amazonas foi extremamente dificultosa devido à necessidade alimentar. Várias batalhas foram travadas. Em uma delas, houve a presença de índias guerreiras associadas às lendárias amazonas gregas. Após nove meses, a expedição de Orellana atingiu o Atlântico em agosto de 1542 (Ugarte, 2009: 40-41).
- 15 Os tripulantes rumam até a ilha de Cubagua, costa da Venezuela, alcançada entre 9 e 11 de setembro. Diferente de seus comandados, como Gaspar de Carvajal – responsável pela escrita de uma crônica da expedição, que teria a versão mais próxima dos escritos do autor publicada somente no século XIX (Medina, 1884; Ugarte, 2009; Barrera, 2017) –, Orellana dirigiu-se para a ilha de Santo Domingo. Ali encontrou-se com o cronista Francisco Lopez de Oviedo e o informou sobre sua viagem. Ele mostrou uma versão da crônica de Carvajal. Oviedo, que considerava estas notícias como “uma das maiores coisas que já aconteceram aos homens”, logo escreveu uma carta ao Cardeal Bembo, na Itália. Ela foi inserida posteriormente como extrato no tomo III da coleção *Delle Navigatione et Viaggi* (1555) do compilador Giovanni Battista Ramusio. Oviedo também acrescentou as informações obtidas com a tripulação e um manuscrito de Gaspar de Carvajal em sua *Historia General de las Indias* (Medina, 1894: 38). Entretanto, a saga pelo rio Amazonas, narrada por Carvajal, só seria publicada na íntegra após três séculos, entre 1881 e 1885 (Ugarte, 2009: 45).

Figura 3: Detalhe do rio Maranhão no mapa da América do Sul da Tabula Segunda do *Islario General* de Alonso de Santa Cruz (c.1539)

Visão geral no canto inferior direito

Fonte: Biblioteca Nacional de España. Disponível em: <http://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000149359&page=1>

- 16 Depois de permanecer em Santo Domingo, Orellana rapidamente rumou à Espanha, tendo sido detido em Portugal por cerca de 20 dias. Atingiu a corte castelhana, localizada naquele momento na cidade de Valladolid, em meados de 1543 (Medina, 1894: 43). Para Auxiliomar Silva Ugarte, o cronista castelhano Francisco López de Gómara poderia ter estado presente na apresentação de Orellana ao imperador Carlos V (Carlos I de Castela), pois suas informações sobre os motivos da viagem são minuciosas, mesmo que nem todas sejam verídicas. Em sua *Historia General de las Indias* (1552), Gómara questiona a existência de um rio tão extenso, que chama de “rio de Orellana”, e defende que os espanhóis foram os primeiros a navegá-lo quase por completo (Ugarte, 2009: 176-177).
- 17 A viagem pelo rio Amazonas também apareceria em outras obras da segunda metade do século XVI. Em sua *Guerra de Chupas*, possivelmente escrita depois da primeira parte da *Crónica del Perú* (1554), Pedro Cieza de León narra o itinerário da armada de Orellana. A obra permaneceu inédita até sua publicação na *Colección de documentos para la Historia de España* (1881) (Medina, 1884: 40-41). Acrescenta-se ainda um fragmento da história dos amazonautas publicada por Toribio de Ortiuguera em sua *Jornada por el rio Marañon* (c. 1581-1586). Ele ressalta a expedição de Pedro de Ursúa às terras de Omágua e ao Eldorado nos anos de 1560-1561 (Villegas, 2016).
- 18 A circulação das informações sobre o rio Amazonas não se deteve nos escritos dos cronistas castelhanos e outros escritores europeus. A novidade logo foi incorporada nos exemplares cartográficos seiscentistas, em que seus cartógrafos passam a interpretar os novos dados realizando uma nova composição imagética provinda do rio-mar que passou a ser acoplada ao conjunto continental do Novo Mundo, substituindo as antigas conjecturas.

As representações anteriores a incorporação do rio-mar

- 19 Antes que as informações provindas da viagem de Orellana fossem incorporadas na cartografia quinhentista, os cartógrafos ligados à Casa de Contratação de Sevilha, a serviço do rei Carlos I de Castela, incluíam o chamado rio Marañón. Ele abarcava os dados obtidos com o conhecimento da foz do rio Amazonas (conhecida desde a viagem de Pinzón) que, devido a sua grande dimensão e o fato de que sua água doce fora observada a alguns quilômetros mar adentro, cogitava-se que teria um grande curso provindo de uma cadeia de montanhas interioranas (Rabelo, 2015: 143-146). Apresentar-se-ão dois mapas que exemplificam suposições desse momento.
- 20 O primeiro exemplo da situação da região amazônica antes da viagem de Orellana encontra-se no mapa anônimo manuscrito de Wolfenbüttel (ca. 1532), composto por dois pedaços de pergaminho – hemisfério ocidental com o continente americano – de um total de quatro (as outras duas partes, que seriam orientais, estão perdidas ou não foram concluídas). Pelas suas características, ele é ligado aos cartógrafos da Casa de Contratação de Sevilha e sua autoria atribuída a Diego Ribeiro nos estudos independentes de Henry Harrisse; A. Cortesão e Teixeira da Mota; e Egon Klemp. Enquanto Maria Luísa Martín-Meras defende a autoria de Alonso de Chaves e propõe o ano de 1533 como o da feitura do exemplar (Sánchez, 2013: 213).
- 21 Na representação da região amazônica (Figura 2) encontra-se o “Rio de Marañom” com sua nascente na parte central do continente, nas montanhas localizadas logo acima da faixa com a inscrição “MVNDVS NOWS [Mundus Novus]”, e sua foz a leste do encontro da linha do equador com o paralelo de Tordesilhas. Ao seu lado esquerdo há uma descrição: *RIO DE MARAÑOM – aqui [es] aora a poblar el comendador Diego D’Ordaz. Este Rio es muy caudalosso porque estando 20 leguas en la mar diz que toman agua dulce*. Segundo Martín-Meras (1993: 100), Diego de Ordás foi enviado para povoar a zona do rio Marañón até o cabo de Vela, no ano de 1530, e morreu ao retornar para a Espanha, em novembro de 1532. Acrescenta-se ainda a tendência do rio Orinoco em ter um curso retilíneo, em direção ao sul, onde quase atinge o Marañón.

Figura 4: Detalhe do rio Amazonas, com o embate dos espanhóis e as amazonas, no mapa-múndi de Sebastião Caboto

Visão geral no canto inferior direito

Fonte: Bibliothèque Nationale de France. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b55011003p>

- 22 O segundo exemplo do momento anterior às informações de Orellana provém do mapa manuscrito da América do Sul presente na “Tábula Segunda” do *Islario General de todas las islas del Mundo*, produzido por Alonso de Santa Cruz. Sua datação seria próxima ao ano de 1539, pois a parte referente ao Novo Mundo teria sido a primeira confeccionada pelo cosmógrafo da Casa de Contratação de Sevilha, uma vez que era de interesse pessoal de Carlos V. O resto do Insulário tem datas diferenciadas porque seria composto desde 1536 até 1541. Posteriormente, próximo ao ano de 1560, sua redação foi revista para adequar uma dedicatória a Felipe II (Domingo, 1983: 115).
- 23 Sobre a “Tabula Segunda”, que compreende a América do Sul, escreve Santa Cruz: *Esta tierra contiene las yslas junto a la costa del Brasil y las q[ue] estan en el Río Marañon, y al dela Plata y costa del Peru, y la que esta al Medio día del estrecho de Magallanes con otras q[ue] se veran por la dhá tabla* (Santa Cruz, c.1560: 20). O rio Marañón é uma das referências para a cartografia do continente. Em sua configuração (Figura 3), há um rio que corre paralelo ao rio Marañón, que nasce em “los esclausos [os escravos]”. Ambos os cursos possuem nascentes em uma cordilheira no centro, de onde também estão as nascentes do rio da Prata. Ao seu noroeste encontra-se a toponímia “Pro[vincia] D[e] la Nueva Andaluzia” e, ao leste, a “Costa del Brasil”.
- 24 Com esses dois exemplos, nota-se que a configuração da região amazônica era marcada pela presença do rio Marañón, conhecido pela sua foz, e sua configuração hipotética onde cogitou-se que possuía um rio paralelo (caso de Santa Cruz) ou aproximava-se do rio Orinoco (caso do anônimo de 1532). Sua nascente estaria em um conjunto de montanhas na parte central da América do Sul, na região central do atual Brasil. Essas cogitações demonstram uma certa liberdade dos cartógrafos em especular sobre a geografia interiorana com base nos dados obtidos na costa. A viagem de Orellana seria a responsável por alterar essas imagens.

O Rio das Amazonas no mapa-múndi de Sebastião Caboto (1544)

- 25 Como mencionado anteriormente, as primeiras informações da aventura de Orellana na Europa foram levadas por ele mesmo quando chegou em Valladolid, na metade de 1543, após passar três meses em Portugal, provavelmente em Lisboa. Da corte castelhana, suas notícias sobre o rio-mar devem ter sido enviadas para a Casa de Contratação de Sevilha e, rapidamente, as novidades geográficas seriam de amplo conhecimento dos pilotos e cosmógrafos. Assim, é natural que o mapa-múndi produzido por Sebastião Caboto, piloto maior do rei Carlos I de Castela (Carlos V do Sacro-Império), tenha sido um dos primeiros a inserir a representação do “Rio das Amazonas”. Ressalta-se que é pouco provável que esse exemplar cartográfico tenha sido o primeiro a trazer essa informação, pois grande parte das produções cartográficas manuscritas não sobreviveram. Além disso, certamente o próprio Francisco de Orellana (ou auxiliares) teria confeccionado um protótipo do rio para apresentá-lo tanto em sua passagem por Portugal e Castela.
- 26 Sebastião Caboto e os demais agentes envolvidos na produção de seu mapa se apropriaram dos dados disponíveis sobre o rio-mar interpretando-os e dispondo-os no norte da América do Sul, que já possuía boa parte de seus contornos conhecidos. Esse processo de adequação pode ser pensado a partir do resultado (Figura 4) comparando com as cogitações nos mapas anteriores. As nascentes do grande rio encontram-se próximas a Quito e sua foz, a meio grau da linha Equinocial. Diante da falta de um levantamento preciso do seu percurso (latitude, longitude, largura etc.), a solução adotada para sua representação parece ir de encontro com as palavras de Gaspar de Carvajal sobre como os nativos afirmavam que o grande rio constantemente serpenteava a região, a semelhança de uma cobra. Assim, o gigante hídrico nasce com o formato de uma serpente com curvas mais acentuadas conforme a proximidade do mar. Esse esquema de representação serpenteado oeste/leste para o rio Amazonas foi amplamente reproduzido em outros mapas europeus posteriores – com algumas modificações particulares.
- 27 A nova imagem do rio no mapa-múndi de Caboto (1544) (Figura 4) contrasta com a significativa ausência de informações em suas tábulas anexas nas extremidades, responsáveis por narrar as novidades encontradas no Novo Mundo e demais regiões do orbe. Das dez informações sobre as terras americanas, nenhuma faz menção ao rio das Amazonas. Essa omissão estaria relacionada com a diferença temporal entre o término da gravação do mapa na chapa de metal e sua impressão (Medina, 1908: 559). Provavelmente, o aspecto geral do mundo e as tábulas laterais estariam finalizados no ano de 1541. Assim, não haveria mais espaço para a inserção de uma nova legenda destinada ao grande rio. O mais viável economicamente seria acrescentar os dados recentes somente na forma visual, o que explica a falta de informações escritas na lateral esquerda e a inclusão de informações na parte imagética do mapa. Além da representação do curso do rio, houve a inserção das seguintes informações junto a foz: *Rio de las Amazonas q[ue] descubrio Francisco de Orillana* (Rabelo, 2019: 74).

Figura 5: Detalhe do norte da América do Sul com o rio Amazonas no mapa anônimo de c. 1545

Visão geral do mapa no canto inferior esquerdo

Fonte: John Carter Brown Library. Disponível em: <https://jcb.lunaimaging.com/luna/servlet/s/6w0r68>

- 28 A construção imagética do rio Amazonas no exemplar cartográfico de Caboto ainda contaria com a presença figurativa do embate entre os espanhóis e as “amazonas” sul-americanas. A cena, localizada logo abaixo da representação serpenteada do rio, conta com dois soldados posicionados à esquerda das guerreiras e próximos da legenda “Peru província” e “Tito [Quito] província”; enquanto suas oponentes estão do lado direito, em direção à foz do rio. Essa disposição está em sintonia com a orientação da viagem percorrida pela armada de Orellana (do Peru ao Atlântico) reforçando, assim, as alusões visuais a ela. Destaca-se ainda o tom de pele desses personagens, como apontado por Ugarte (2003: 16). As amazonas possuem tons de pele tipicamente indígenas enquanto os espanhóis são representados como “brancos”, em acordo com o relato de Carvajal.
- 29 Outro contraponto presente na cena relaciona-se à indumentária e às armas. Enquanto as amazonas vestem mantas e apontam seus arcos e flechas aos espanhóis, estes ostentam suas armaduras e portam espadas e escudos. Mas há ainda dois importantes diferenciadores sociais: as guerreiras estão descalças e os brancos, calçados; estes também apresentam barba e têm capacete. Os espanhóis são os únicos personagens europeus desenhados na América e os únicos a estarem calçados na imagem do novo continente (Rabelo, 2019: 74). Levando em consideração as figurações humanas em todo o mapa de Caboto, sem considerar àquelas ligadas a monarquias como o caso do rei Manicongo, do Preste João e do Grã Cã, somente os dois ibéricos da cena e mais um casal na península indiana (ilustração do ritual de queima de esposa) estão calçados. As populações nativas americanas e africanas são representadas com os pés descobertos. No caso da barba e do capacete, esta é uma característica identificável dos europeus nas imagens do século XVI produzidas por outros povos com os quais mantiveram contato, como demonstra a iconografia do povo do reino do Benin (Ezra, 1992: 145).

- 30 Além dessa cena, acrescenta-se que, mesmo sem nenhum topônimo presente ao longo do rio, além de “rio das Amazonas” referido na foz, há a inserção de ícones de construções europeias (como torres, igrejas e casas) que eram utilizadas para simbolizar as vilas ou cidades características do Velho Mundo, como fora notado por Ugarte (2003: 16). Três desses ícones estão presentes na margem esquerda e dois na direita. Esses símbolos populacionais indicam a tentativa de representar as populações encontradas pelos amazonautas de Orellana. Nesse processo não houve uma preocupação em adaptar os ícones para o formato das construções dos nativos.
- 31 De maneira geral, a “tradução” das informações advindas da expedição de Orellana no mapa-múndi de Caboto é responsável pela criação de um novo ente geográfico. Nessa nova imagem, os dados acessados dos amazonautas, o provável protótipo cartográfico do rio em forma serpenteada, são influenciados pelas particularidades do cartógrafo, como a cena da batalha entre espanhóis e amazonas. Somente um exemplar cartográfico posterior repetirá essa cena, como ainda será analisado neste artigo. A capacidade de Sebastião Caboto em reproduzir as características fenotípicas e indumentárias dos personagens, como seus tons de pele e o conhecimento da barba ou do calçamento como elemento característico do europeu diante de outros povos, tem ligação direta com sua experiência no Novo Mundo. Entre 1526 e 1530, o piloto maior e navegador, a serviço do rei de Castela, esteve em uma expedição que rumou ao rio da Prata, sendo um dos primeiros europeus a navegar pelos rios Paraná e Paraguai, além de ter construído o forte *Sancti Spíritus* nas margens do rio Paraná (Medina, 1908; Rabelo, 2019). Essa vivência influenciou diretamente a representação feita dos personagens americanos. O convívio com aquela alteridade o despertou para as particularidades identitárias de europeus e indígenas.

O mapa anônimo de cerca de 1545 e a toponímia do curso do rio das Amazonas

- 32 O segundo exemplar cartográfico seiscentista conhecido a incluir o rio Amazonas seria um anônimo produzido em cerca de 1545 (Figura 5) e atualmente depositado na *John Carter Brown Library*. Armando Cortesão (1939) fez um estudo que estabeleceu uma datação provável, além de especular que a autoria pertenceria a um navegador português chamado António Pereira. Para chegar a estas conclusões, o autor estabeleceu quatro elementos geográficos que tiveram uma alteração significativa de representação no final da década de 1530 e na década de 1540: o nordeste da América do Norte; o golfo e a península da Califórnia; o rio Amazonas; e as ilhas dos Ladrões (ilhas Marianas). Assim, em comparação com outros mapas do período, ele lançou suas hipóteses sobre a relação desse exemplar com a rede de informações advindas de Portugal, Espanha, França e outros locais.
- 33 No caso do rio Amazonas, ele aponta que o mapa de Pereira seria um dos primeiros a registrar a viagem de Orellana pelo Amazonas abaixo, em 1542. Sua fonte seria o relato do padre Gaspar de Carvajal, fato que explicaria o conjunto de topônimos presentes ao longo do curso do rio (Cortesão, 1939: 215-216). Deve-se destacar mais uma vez que, de acordo com Ugarte (2009: 45), uma versão da relação escrita por Carvajal teria sido entregue por Orellana ao cronista Gonzálo Fernández de Oviedo, em Santo Domingo. Do mesmo modo, aceitando a hipótese de Cortesão sobre a origem portuguesa do conjunto de topônimos inserida ao longo do rio Amazonas, uma vez que o mapa de Caboto (1544)

e, como será visto na sequência, o mapa de Sancho Gutierrez (1551) não apresentam nomes além de “Rio das Amazonas”, certamente uma versão do relato de Carvajal ou uma lista de topônimos deve ter sido fornecida por Orellana enquanto esteve em Lisboa. De volta a Cortesão (1939: 216), ele afirma que os primeiros mapas a contarem com nomes ao longo do rio Amazonas foram os seguintes exemplares: Lopo Homem (1554); anônimo gravado em Veneza (1554); e Diego Homem (1558) (Figura 6).

- 34 Para comprovar o pertencimento do mapa anônimo ao conjunto cartográfico do período entre 1540-1560, Cortesão (1939: 215) compôs uma tabela com a toponímia presente nos quatro primeiros mapas que a incluíram: o anônimo português; Lopo Homem (1554); um anônimo impresso em Veneza (1554); e Diogo Homem (1558). A essa tabela, buscou-se remodelá-la (Figura 7) acrescentando os dados obtidos por Rabelo (2015: 160) nos seguintes documentos: o relato de Carvajal (escrito em 1542); e o mapa da América de Diego Gutierrez (1561). A ideia é somar esses esforços e criar um banco de topônimos que ajudaram a forjar as primeiras representações do rio das Amazonas, no século XVI.

Figura 6: Detalhe do rio Amazonas (em sentido horário): anônimo de Veneza – Michele Tramezzino (1554); Lopo Homem (1554); Diego Gutierrez (1562)

Fonte: Anônimo de Veneza – Michele Tramezzino (1554), John Carter Brown Library; Lopo Homem (1554), Museo degli strumenti antichi di Firenze; Diego Gutierrez (1562), Library of Congress

Figura 7: Conjunto de topônimos presentes ao longo do rio das Amazonas entre 1542 e 1562

Relato de Carvajal (1542)	Antônio Pereira (c. 1545)	Lopo Homem (1554)	Anônimo (Veneza) (1554)	Diogo Homem (1558)	Diego Gutierrez (1562)
1. Quito	1. el quito	1. minguixo	1. R. d'pianino	1. R. de palamin ^c	1. Bio Pai amino
2. el barco (C., p. 217)	2. R. lito	2. R. de cicaça	2. R. de linata	2. R. deite	2. Rio deite
3. Rio Payamino (C., p. 217)	3. aqui izimos el barco	3. ponte del paloque	3. R. deite	3. R. de s. olatha	3. R. de Linara
4. Aparia	4. R. de paimi	4. palamino	4. Mapaza	4. maparo	4. Mapzo
5. Irimorany ou Irimara	5. los clauos	5. R. de pa/ane	5. R. de Trinidad	5. R. de la madalena	5. R. de la Madalena
6. Confluência de Itallia (C., 217)	6. R. de la madalena	6. lo maga	6. R. de la madalena	6. R. de la trinidad	6. R. de la Trinidad
7. Onigña	7. el burgiti	7. R. deite	7. Provincia de onagna	7. R. de onaga	7. Provincia de Onagna
8. Machifero	8. R. de la trinidad	8. R. de linara	8. R. grande	8. paguana	8. R. grande
9. Oniguayal	9. machipero	9. los clavos	9. Pro de paguani	9. R. negro	9. Provincia de Paguana
10. Rio de la Trinidad	10. R. de linara	10. R. de la madalena	10. Pro cospos chriti	10. provincia de s. juan	10. Rio negro
11. Paganua	11. provincia onagon	11. aqui se hizo el burgiti	11. P. de S. Ian	11. coripana	11. Provincia de Corpus Christi
12. Rio Negro	12. R. de s. olatha	12. R. de la trinidad	12. Provincia d. S. Ian de las Amazonas	12. R. de laguarao	12. Provincia de s. juan
13. rio Grande	13. proicia cazupa	13. provincia de papama	13. Pro de caripana	13. provincia de os tisados	13. Provincia de Caripana
14. Provincia das Picotas	14. R. negro	14. R. negro	14. R. de laguarao	14. R. de topaios	14. Rio de laguarao
15. Porção da Rua e Senhorio das Amazonas	15. provincia de los picotas	15. provincia de onaga	15. Provincia de los Tisados		15. Provincia de los Tisados
16. Provincia de São João	16. provincia de las almozon	16. provincia de corpus xpo	16. R. de topaios		16. R. de topaios
17. Provincia dos Negros em santos Arripama e Tuostou	17. R. grande	17. R. gride	17. R. das Amazonas		17. Oregluma
18. Idipayo (C., 219)	18. provincia de los tisados	18. las picotas			18. El gmed rio de las amasones
19. senhor Nuranahungaburba	19. R. de jagojaio	19. provincia de S. Iom de las Amazonas			19. Provincia de S. Iuan de las Amazonas
	20. provincia sogrita as almozon	20. provincia de coripana			
	21. R. topaio	21. R. de Jagarao			
	22. provincia de los topaios	22. las palmas			
		23. provincia de los tisados			
		24. provincia sogrita a las Amazonas			
		25. R. de topaio			
		26. Provincia de los topaios			
		27. R. grande del mar dulce E san Iuan de las Amazonas			

Fonte: A primeira coluna, "Relato de Carvajal (1542)", baseia-se em Rabelo (2015: 159), com o acréscimo de informações de Cortesão (1939) indicado entre parênteses com a letra "C." e a respectiva página. Os dados da segunda à quinta coluna, os topônimos dos mapas de Antônio Pereira (c.1545), Lopo Homem (1554), anônimo (1554) e Diogo Homem (1558), encontram-se em Cortesão (1939: 215). A última coluna foi retirada de Rabelo (2015: 160).

- 35 De volta a análise de Cortesão (1939: 220), após a confrontação entre os topônimos nos mapas elencados por ele (as quatro colunas centrais da figura 7), o autor aponta que o exemplar anônimo examinado, atribuído a Antônio Pereira, também teria sido um dos primeiros a incluir uma toponímia no curso do rio Amazonas. Isso o levou a cogitar que sua feitura teria ocorrido antes mesmo do mapa-múndi de Caboto (1544). No entanto, a análise da representação da ilha dos Ladrões, última parte de seu artigo, levou-o a concluir que pertence a uma data posterior.
- 36 A essa análise de Cortesão, convém acrescentar que a inserção dos topônimos do mapa de Diego Gutierrez (1562), retirada dos dados apresentados por Rabelo (2015: 160) em comparação com aqueles analisados pelo autor (Figura 7), demonstra sua ligação com o mapa anônimo impresso em Veneza. A correlação entre os nomes dos locais assemelha-se em 16 topônimos. A grafia diferente no exemplar de Gutiérrez, como o caso de "Bio Pai amino" correlato ao "R[io] d'pianino" e "Mapaza" relacionado a "Mapzo", demonstram a provável transmissão das informações entre os mapas. Assim, poder-se-ia aprofundar na hipótese de Cortesão sobre a origem portuguesa da toponímia do curso do rio Amazonas e sua apropriação por cartógrafos ligado à Casa de Contratação de Sevilha na década de 1560. Pois, como será visto, um exemplar mais antigo ligado a essa instituição, o mapa-múndi de Sancho Gutierrez (1551), não apresenta essa novidade.
- 37 Cabe ainda destacar que a semelhança entre as representações dos ícones das cidades europeias no exemplar anônimo de Veneza (1554), identificado como o mapa-múndi em

hemisférios de Michele Tramezzino, e aquelas já referidas no mapa-múndi de Sebastião Caboto (1544). Esses três ícones encontram-se praticamente nas mesmas posições, o que não ocorre da mesma forma, por exemplo, na comparação com o mapa de Sancho Gutiérrez (1551). Esse é um indício da proximidade entre os exemplares de Caboto e do anônimo de Veneza que ajuda a recuperar a rede de compartilhamento de dados cartográficos para a representação do rio Amazonas desde a viagem de Orellana.

As amazonas e seu rio no mapa-múndi de Sancho Gutiérrez (1551)

- 38 O exemplar cartográfico de Sancho Gutiérrez (1551) (Figura 8) assemelha-se muito ao de Sebastião Caboto (1544). As proximidades não se resumem apenas ao plano cartográfico, mas também ao meio social. Filho de Diego Gutiérrez, cosmógrafo ligado à Casa de Contratação de Sevilha e próximo de Sebastião Caboto, Sancho foi descrito por este como dotado de muito perícia na feitura de cartas de marear, astrolábios e outros instrumentos náuticos. Segundo Herry Kesley (1987: 41-42), devidos às muitas semelhanças, ambos os exemplares teriam se baseado no *Padrón Real*, um mapa oficial constantemente atualizado conforme as novas descobertas ao longo do orbe, produzido no âmbito da Casa de Contratação de Sevilha. As diferenças encontradas nos dois mapas resultam das descobertas realizadas nos cinco anos que separam suas produções.
- 39 Em relação à representação do rio Amazonas, a composição de Sancho (1551) possui semelhanças evidentes com aquela de Caboto (1544) em três aspectos: no formato do curso do rio; na cena do embate entre espanhóis e amazonas; e na legenda próxima à foz que identifica o feito de Orellana e nomeia o rio. Em relação à forma, no mapa de Sancho, ela segue o modelo serpenteado de Caboto, mas suas curvas são mais alongadas e possuem uma localização mais central, tendo a nascente não tão próxima ao Pacífico como em Caboto. A legenda “Nuevo Mundo” está logo abaixo do curso do rio. O ícone das construções europeias também está presente, porém em posições diferentes. Eles encontram-se próximos da sua nascente e do topônimo “Peru”.
- 40 Além disso, o Amazonas não é mais o único corpo hídrico na costa norte da América do Sul. Sancho Gutiérrez insere o rio *Marañon* a leste desse, no local onde a cartografia portuguesa desenhava seu rio Maranhão. Para Alfredo Pinheiro Marques (1998: 451), a formatação hidrográfica de Sancho, que liga o *Marañon*, devidamente separado do Amazonas, à bacia do rio da Prata, seria uma das primeiras representações cartográficas do chamado mito da ilha Brasil. De acordo com ele, a junção de rios sul-americanos interioranos tornaria a parte leste da América do Sul – de posse portuguesa – uma ilha. Somada a essa observação de Marques, acrescenta-se que a região do delta do rio Amazonas, diferente de Caboto, conta com diversos rios além do braço principal. Seria uma adição de informações provindas da expedição desastrosa de retorno de Francisco de Orellana à sua Nova Andaluzia, que compreenderia o rio das Amazonas no qual ele viajara. Um dos motivos do fracasso dessa armada foi a confusão entre os diversos braços de rio presente no delta, que confundiu os pilotos. Essa teria sido a base de informações para Gutiérrez ter inserido diversas ilhas e mais de cinco rios (Rabelo, 2019: 78).
- 41 A mesma cena do confronto entre as guerreiras amazonas e os soldados espanhóis encontrada no mapa-múndi de Caboto se repete no exemplar de Sancho Gutiérrez. Há

notáveis semelhanças: a posição dos personagens logo abaixo do grande rio; a mesma quantidade e disposição deles, com dois homens à esquerda e duas amazonas à direita; o uso de armas, espadas e escudos por aqueles enquanto estas usam arcos e flechas. Essa aproximação é outro indício da semelhança entre os exemplares cartográficos dos súditos do reino de Castela.

- 42 Entretanto, deve-se destacar as importantes diferenças na cena apresentada em 1551 por Sancho Gutiérrez. Suas amazonas são brancas e não diferem seu tom de pele com aquele dos rivais espanhóis; elas estão quase nuas, apenas os adereços de suas flechas cobrem uma parte do corpo; usam capacetes dourados; estão dispostas próximo à inscrição “Tierra de las Amazonas”. No caso dos dois personagens masculinos equivalentes aos espanhóis, eles também foram desenhados de maneira diversa. Estão seminus, pois contam apenas com um pano branco cobrindo suas partes íntimas; encontram-se descalços; e não apresentam barba (Rabelo, 2019: 78). A cena da batalha remete aos modelos da arte grega sem as nuances das índias americanas ou dos soldados espanhóis.

Figura 8: Detalhe do rio Amazonas no mapa-múndi de Sancho Gutiérrez (1551)

Fonte: Österreichische Nationalbibliothek. Disponível em: <https://www.onb.ac.at/bibliothek/sammlungen/karten/50-zimelien-test/16-jahrhundert/sancho-gutierrez-weltkarte-1551>

- 43 Essas divergências na maneira de retratar a cena da batalha entre amazonas e espanhóis nos exemplares de Caboto (1544) e de Sancho Gutiérrez (1551) tem relação com o contexto histórico dos dois cartógrafos. Como exposto anteriormente, na experiência vivida por Sebastião Caboto em sua expedição de 1526 a 1530, que passou pela costa do Brasil (Pernambuco, São Vicente, ilha de Santa Catarina) e a bacia do rio da Prata (com o rio Paraná e Paraguai), houve o convívio com inúmeros grupos de nativos daquelas regiões. Dessa forma, suas amazonas do norte da América do Sul assemelham-se aos indígenas da costa ocidental sul-americana e da bacia platina com que teve contato. No caso de Sancho Gutiérrez, a ausência de um conhecimento empírico nas terras de além-mar o privou de uma percepção maior das diferenças

físicas dos europeus e povos americanos (Rabelo, 2019: 79-80). Cabe destacar que a ilustração da cena em ambos os mapas pode ter sido realizada por outros indivíduos que eventualmente participaram da produção dos exemplares. No entanto, parece evidente que no caso do mapa-múndi de Caboto houve uma seleção criteriosa dos elementos visuais desenhados para caracterizar os povos americanos, além dos africanos e asiáticos, de acordo com suas feições verificadas nas expedições quinhentistas. Em Sancho, os indígenas são desenhados com base em modelos europeus e asiáticos da tradição europeia; ele desconsidera, assim, as particularidades físicas dos nativos americanos.

- 44 O último ponto a ser destacado, referente à representação do rio Amazonas nos exemplares cartográficos de Sebastião Caboto (1544) e de Sancho Gutiérrez (1551), remete às legendas informativas junto à sua foz. No primeiro, como anteriormente citado, há a inscrição: *Rio de las Amazonas q[ue] descubrio Francisco de Orillana*. No segundo exemplar, a frase possui algumas alterações: *El Ryo gra[n]de d san/ jua[n] de las amazonas/ qui salio Fra^{co} d Orellana*. Ambas as frases funcionam como identificadoras do novo ente geográfico. Como característica dos mapas quinhentistas, as referências históricas encontram-se presentes. No mapa de Caboto, a Francisco de Orellana é imputada uma ação ocorrida no passado: ele “descobriu” o grande rio. Essa atribuição desconsidera, por extensão, outros agentes europeus que porventura tenham tido contato com suas águas quando eram, então, associadas ao “Mar Dulce” ou ao rio Marañón que ainda não tinham sido entendidas como pertencentes ao novo Rio das Amazonas. Com a distância temporal que separa os exemplares, o maior conhecimento da hidrografia do norte da América do Sul teria influenciado uma posição mais moderada no registro histórico feito por Sancho: Orellana apenas “saiu” pela foz do rio-mar. É uma interpretação completamente diferente da ação do viajante castelhano. Ele não é mais o responsável pelo “descobrimento” do rio, mas sim por ter “saído” por ele. Sendo assim, parece haver uma consciência em Sancho de que outros agentes imperiais contribuíram para o conhecimento daquele “novo ente” geográfico.
- 45 Além disso, no mapa-múndi de Sancho há mais uma informação acrescentada que proveio da viagem dos amazonautas. Como referido por diversos autores, Carvajal registra em seu diário a passagem pela província de *San Juan*. Na cartografia, como demonstrado na figura 7, esse topônimo passou a ser associado ao “rio das Amazonas” (Medina, 1894: 63; Cortesão, 1939: 219). Assim, o novo ente é então referido como o “rio grande de *San Juan de las Amazonas*”. Sancho Gutiérrez adota, então, essa nova designação na inscrição presente na foz do rio.
- 46 O mapa-múndi de Sancho Gutiérrez (1551) representa, portanto, uma continuidade do exemplar de Sebastião Caboto no que se refere a representação do rio Amazonas. Ao formato serpenteado simples é acrescentado um conjunto de outros rios que culmina na bacia do Prata, sendo um dos mapas originários do mito da ilha Brasil. A legenda na foz do rio traz um novo entendimento do feito de Orellana e inclui mais uma toponímia proveniente da relação feita por Carvajal. No entanto, apensar desses avanços, a cena da batalha entre as Amazonas e os espanhóis reproduzida por Sancho é totalmente descaracterizada. Os elementos nativos são subtraídos e a cena da batalha passa a ser uma composição genérica. Essa diferença de representação pode ser atribuída ao fato de Sancho ser um “cartógrafo de gabinete” enquanto Caboto era piloto e conheceu as particularidades das sociedades nativas da costa do Brasil e do rio da Prata.

Os canibais próximos ao rio das Amazonas em Diogo Homem

- 47 A representação cartográfica do rio Amazonas ganharia forma também na Inglaterra sob os cuidados do cartógrafo português Diogo Homem. Ele teria trabalhado nesse reino até o ano de 1558, pois há referências posteriores de produções suas na República de Veneza, no ano de 1568, tendo ficado na cidade italiana até pelo menos 1576 (Algria *et al.*, 2012: 56). Na corte inglesa, em 1554, Maria I casou-se com dom Filipe, filho de Carlos I de Castela. Para presentear seu marido, a rainha organizou uma comissão para preparar o conhecido *Queen Mary Atlas*, pois ela sabia da paixão dele por mapas. Diogo Homem foi o cartógrafo responsável. A data de conclusão do atlas é o ano de 1558 (Porter, 2010: 237).
- 48 O rio Amazonas e sua região presente na carta referente à América do Sul (Figura 1) assemelha-se com o mapa-múndi de Sebastião Caboto (1544), no entanto, a aproximação é menor do que aquela vista no exemplar cartográfico de Sancho Gutiérrez (1551). O formato do rio é o aspecto de maior semelhança, pois até os pequenos afluentes estão na mesma direção. Nessa carta, a região da foz do Amazonas é desenhada literalmente como uma cabeça de cobra que encontra o mar a partir de seu corpo serpenteado. Na foz há somente a designação “*Mare aque dulcis*”. Estão presentes também os ícones de povoações europeias para representar as populações nativas. Seis deles são desenhados na margem esquerda e sete na margem direita (Rabelo, 2015: 82).
- 49 O entorno do rio-mar apresenta grande diferença em relação ao mapa de Caboto (1544). Os nativos são representados em uma cena de canibalismo utilizada recorrentemente por alguns cartógrafos, gravuristas e editores de livros, ao longo do século XVI. Essas cenas são parte de um *topos* imagético europeu oriundos das descrições dos bárbaros mongóis que utilizavam espetos de ferro para fixar suas vítimas. Tal instrumento aparece nas cenas dos canibais americanos, mas não eram utilizados por eles. Além disso, nessas cenas transplantadas à realidade americana, os nativos passam a ser brancos (Chicangana-Bayona, 2017: 121). Na figura 1, abaixo do rio Amazonas, pode-se observar as imagens de cabanas que remetem aos povos das estepes asiáticas. Os pedaços humanos encontram-se presos em árvores ou em espetos sendo assados no fogo. É uma cena que remete diretamente às xilogravuras de André Thevet em sua obra *Singularidades da França Antártica*. Essa semelhança leva a crer que houve um contato entre os responsáveis pelas iluminuras no atlas inglês e o referido livro do autor francês.
- 50 Assim, a carta da América do Sul de Diego Homem reproduz o corpo serpenteado do rio Amazonas aumentando sua similaridade a uma cobra. Entretanto, o seu entorno, a cena das amazonas e os espanhóis, é deixado de lado em prol de uma imagem de canibais asiáticos transplantados ao Novo Mundo que era bem conhecida na Europa. Atualiza-se assim o corpo hídrico principal enquanto a figuração mais fiel dos nativos é deixada de lado.

Figura 9: América do Sul no mapa-múndi de G. B., com detalhe do rio Amazonas no canto inferior esquerdo

Fonte: The Huntington, HM 46. Disponível em: https://dpg.lib.berkeley.edu/webdb/dsheh/heh_brf?Description=&CallNumber=HM+46

Outros modelos de representação cartográfica do rio Amazonas

- 51 A forma serpenteada, como apareceu no mapa-múndi de Sebastião Caboto e em outros exemplares, não foi o único modelo de representação do rio Amazonas. Outras interpretações visuais também foram utilizadas para cartografar o novo ente hídrico da América do Sul. Um dos exemplos consta em um mapa-múndi de Guillaume Brouscon, que teria sido realizado em 1543, mas fora publicado junto ao seu o atlas portulano no ano de 1546. Nele, a América do Sul (Figura 9) possui uma distorção que parece causada pela inclusão do *Rivière des amazones*, pois o continente sul-americano está “esticado” para o oeste. Provavelmente, essa representação foi uma maneira de adequar as mais de mil e quatrocentas léguas do rio Amazonas contabilizadas pelos expedicionários de Orellana como relatado por Carvajal (1941: 61). Por mais que a datação do exemplar sugira uma composição para o rio das Amazonas em uma data anterior ao de Caboto, seu modelo não foi reproduzido da mesma forma (Rabelo, 2019: 76).
- 52 Entre outros exemplares que não adotaram o padrão serpenteado do rio Amazonas, incluem-se aqueles que restringiram a sua representação às formas anteriores àquelas da década de 1540, com o rio limitando-se a sua foz atlântica. Esse é o caso de uma variedade de mapas: Gastaldi (1548), Pierre Descelier (1550); a América do Sul de Girolamo Ruscelli (1561). Outras representações repetiram as conjecturas das décadas de 1520 e 1530 sobre a orientação sul/norte do curso do rio Amazonas, como demonstrado, por exemplo, pelos seguintes mapas: Giocomo Gastaldi e Giovanni Batista

(1556); e o Brasil de Girolamo Ruscelli (1561). Portanto, mesmo diante das novas informações trazidas por Orellana e logo adicionadas pelos cartógrafos ibéricos e disseminadas para o restante do continente europeu, alguns cartógrafos não seguiram esse modelo.

Conclusão

- 53 O estudo sobre as primeiras representações cartográficas do rio Amazonas após a viagem de Francisco de Orellana (1541) demonstra como a cartografia quinhentista incorporou e forjou um novo ente geográfico dentro do Novo Mundo. Do mesmo modo como a América foi inventada enquanto a “Quarta Parte” do mundo por meio da interpretação de Martin Waldseemüller e dos cosmógrafos europeus, o “rio das Amazonas” teve sua identidade construída decisivamente entre os anos de 1540 e 1550. Os dados provindos da viagem dos amazonautas de Orellana, que estiveram em contato com a alteridade indígena, foi o grande responsável pela alteração da antiga imagem conjectural para a nova imagem que assimila os dados empíricos. O “rio das Amazonas” nasce moldado pelas lentes dos cartógrafos europeus e seus auxiliares imbricados em contextos sociais específicos. Assim, a composição da nova imagem do corpo hídrico no norte da América do Sul nos mapas europeus quinhentistas é fruto dessa síntese renascentista.
- 54 Nesse processo destaca-se a grande circularidade das informações responsáveis, por um lado, em consolidar a forma serpenteada do rio Amazonas, somente superada em meados do século XVII, com o *Magni Amazoni Fluvii* (1655), do Conde de Pagan (Cintra, 2011: 5). Porém, por outro lado, como demonstrado pela excepcionalidade do caso das Amazonas de Sebastião Caboto, as formas figurativas da alteridade indígena no entorno do grande rio não seguiram os modelos dos nativos americanos, mas tiveram elementos da tradição europeia. Assim, como estudado no caso do mapa da América do Sul de Diego Homem (*The Queen Mary Atlas*), as figuras dos canibais asiáticos passaram a povoar a região do rio Amazonas.
- 55 Dessa forma, o nascimento cartográfico do rio das Amazonas nas décadas de 1540 e 1550 demonstra como os diversos cartógrafos europeus e seus auxiliares interpretaram as informações obtidas no Novo Mundo e somaram repertórios não-americanos para compor a nova imagem. A investigação de como esses novos entes foram assimilados pela cartografia europeia contribuiu para a compreensão do processo contínuo de reinvenção do continente americano. O resgate das lendárias Amazonas utilizadas para nomear o gigante caudaloso da América do Sul foi um novo produto da síntese cartográfica renascentista que forjava constantemente novas localidades no orbe a partir das explorações europeias no além-mar. Longe de ser um processo natural, a cartografia corroborou com as outras formas discursivas para legitimar e divulgar esse processo. As Amazonas gregas surgem no Novo Mundo como uma ponte entre o conhecido e o desconhecido para tornar mais familiar aquelas novas regiões.
- 56 Por fim, destaca-se que a identidade da região amazônica na cartografia histórica nas décadas de 1540 e 1550 está ligada à imponência do rio-mar. A facilidade do transporte dos castelhanos que culminou na interconexão entre extensas regiões (do Peru ao Atlântico) da bacia amazônica ressaltou sua grandiosidade. A diferença entre a facilidade de exploração da via aquática e o dificultoso contato com o imenso mundo verde, posteriormente conhecido como a floresta amazônica, moldou a imagem

cartográfica: o rio Amazonas é desenhado desproporcionalmente em relação ao resto do continente, sendo representado muito maior do que sua escala em relação ao continente. Por outro lado, a grande floresta que o cerca não teve elementos simbólicos da mesma dimensão. A representação do rio Amazonas é, portanto, uma pista sobre como o olhar dos cartógrafos quinhentistas estava voltado para as vias aquáticas (mares e rios), que ganhavam amplo destaque em seus mapas e envolveram a identidade imputada às regiões recém-conhecidas da América.

BIBLIOGRAFIA

- Alegria, Maria F.; Daveau, Suzanne; Garcia, João C.; Relaño, Francesc (2012). *História da Cartografia Portuguesa Sec. XV a XVII*. Figueirinhas – Porto: Fio da Palavra.
- Barrera, Trinidad (2017). “La aventura del Amazonas en la Relación de Fray Gaspar de Carvajal”. In: Insúa, Mariela; Peláez, Jesús Menéndez (eds.). *Viajeros, Crónicas de Indias y Épica Colonial*. New York: IDEA/IGAS.
- Bernand, Carmen; Gruzinski, Serge (1996 [1991]). *Historia del Nuevo Mundo: del descubrimiento a la Conquista. La experiencia europea, 1492-1550*. 1ª edición en español. Traducción de María Antonia Neira Bigorra. México: Fondo de Cultura Económica.
- Cintra, Jorge Pimentel (2011). “Região Amazônica: perspectivas de uma cartografia comparada”. In: *Anais do 1º Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica*. Parati, RJ: Centro de Referência de Cartografia Histórica – UFMG.
- Chicangana-Bayona, Yobenj Aucardo (2017). *Imagens de Canibais e Selvagens do Novo Mundo: do maravilhoso medieval ao exótico colonial (século XV-XVII)*. Tradução Marcia Aguiar Coelho. Campinas, SP: Editora Unicamp.
- Cortesão, Armando (1939). “Antônio Pereira and His Map of Circa 1545: An Unknown Portuguese Cartographer and the Early Representation of Newfoundland, Lower California, the Amazon, and the Ladrones”. *Geographical Review*, v. 29, n. 2, pp. 205-225. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/209943>
- Domingo, Mariano Cuesta (1983). *Alonso de Santa Cruz y su obra Cosmográfica*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas/Instituto ‘Gonzalo Fernández de Oviedo’.
- Ezra, Kate (1992). *Royal Art of Benin: the Perls Collection in the Metropolitan Museum of Art*. New York: Metropolitan of Art.
- Harley, John Brian (2005 [2001]). *La Nueva Naturaleza de los Mapas: ensayos sobre la historia de la cartografía*. 1ª edición. Traducción de Leticia García Cortés, Juan Carlos Rodríguez. México: Fondo de Cultura Económica.
- Heers, Jacques (1992 [1981]). *Cristóbal Colón*. Traducción de José Esteban Calderón; Ortiz Monasterio. México: Fondo de Cultura Económica.
- Heufemann-Barría, Elsa Otilia (2012). *Orellana, Ursúa y Lopo de Aguirre: sus hazañas novelescas por el Rio Amazonas (siglo XVI)*. Madrid: Mirada Malva.

Marques, Alfredo Pinheiro (1988). “A Cartografia do Brasil no século XVI”. Separata da *Revista da Universidade de Coimbra*, v. XXXIV, pp. 447-462.

Martín-Meras, María Luisa (1993). *Cartografía Marítima Hispana: la imagen de América*. Madrid/Barcelona: Lunwerg Editores.

Medina, José Toribio (1894). *Descubrimiento del Río de las Amazonas*. Sevilla: Imprenta de E. Rasco, Bustos Tavera, n. I.

Medina, José Toribio (1908). *El Veneciano Sebastián Caboto al servicio de España*. Santiago de Chile: Imprenta y Encuadernación Universitaria.

Mignolo, Walter D. (2007 [2005]). *La Idea de América Latina: la herida colonial y la opción decolonial*. Traducción Silva Jawerbaum y Julieta Barba. Barcelona: Gedisa editorial.

O’Gorman, Edmundo (1951). *La Idea del Descubrimiento de América: historia de esa interpretación y crítica de sus fundamentos*. México: Centro de Estudios Filosóficos.

O’Gorman, Edmundo (1992 [1986]). *A Invenção da América: reflexão a respeito da estrutura histórica do Novo Mundo e do sentido do seu devenir*. 2ª edição. Tradução de Ana Maria Martinez Corrêa, Manoel Leio Belloto. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista.

Padrón, Ricardo (2004). *The Spacious Word: cartography, literature, and empire in the early modern Spain*. Chicago: The University of Chicago Press.

Porter, Linda (2010). *Mary Tudor: the First Queen*. London: Hachette Digital.

Rabelo, Lucas Montalvão (2015). *A Representação do Rio ‘das’ Amazonas na Cartografia Quinhentista: entre a tradição e a experiência*. Dissertação (Mestrado em História Social). PPGH – Universidade Federal do Amazonas, Manaus.

Rabelo, Lucas Montalvão (2019). “O rio Amazonas no mapa-múndi (1544) de Sebastião Caboto”. In: Ferreira, Arcângelo da Silva; Amaral, Vinícius; Maciel, Elisângela; Junior, Heraldo; Medeiros, Mônica Xavier de (Orgs.). *Nas Curvas do Tempo: história e historiografia na Amazônia em debate*. Vol. 1. Manaus: Editora UEA, pp. 63-86.

Sánchez, Antonio (2013). *La espada, la cruz y el Padrón: soberanía, fe y representación cartográfica en el mundo ibérico bajo la Monarquía Hispánica, 1503-1598*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.

Ugarte, Auxiliomar Silva (2003). “Margens míticas: a Amazônia no imaginário europeu do século XVI”. In: Del Priori, Mary; Gomes, Flávio dos S. *Os senhores dos Rios*. Rio de Janeiro: Elsevier, pp. 3-31.

Ugarte, Auxiliomar Silva (2009). *Sertão de Bárbaros: o mundo natural das sociedades indígenas da Amazônia na visão dos cronistas ibéricos – séculos XVI-XVII*. Manaus: Editora Valer.

Villegas, Miraida Grisel (2016). *Toribio de Ortiqura, jornada del río Marañón*: edición crítica, estudio y notas. Tesis Doctoral en la Facultad de Filosofía y Letras – Universidad de Navarra.

ANEXOS

Fontes manuscritas

Brouscon, Guillaume (ca. 1540-1560). “World chart, which includes America and a large ‘Terra Java’ (Australia?)”. In: *Portulan chart; Nautical almanac, French*. The Huntington, manuscript, HM 46.

Gutiérrez, Sancho (1551). *Esta Carta general em plano ... Österreichische Nationalbibliothek*, 336 x 108 cm, 1 Kt., aus 4 Bl. auf Ln. geklebt; Handzeichn., kol. auf Pergament.

Homem, Diogo (c. 1555-1559). *The Queen Mary Atlas*. British Library, Parchment, 580x800 mm, ff. 24.

Homem, Lopo (1554). *Lopo Home[m] ... me fêz e[m] Lixboa era de 1554 annos*. Museo degli strumenti antichi di Firenze/ Museo Galileo, Manoscritto, 1 c. geogr. in 8 fogli, pergamena, 224 x 143 cm.

[Mapa Anônimo] (c. 1525) [c.1532]. *Zwei zu einander gehörige Karten von der neuen Welt und dem grossen Ocean*. Herzog August Bibliothek Wolfenbüttel, Pergament, 85 x 65 cm.

[Mapa Anônimo. António Pereira] (c.1545). *[Early representation of Newfoundland, Lower California, the Amazon, and the Ladrones]*. John Carter Brown Library, Manuscript, 74,2 x 58,6 cm.

Santa Cruz, Alonso de (c.1560). *Islario General de todas las islas del mundo*. Biblioteca Nacional de España. Disponible en la Biblioteca Digital Hispánica en el sitio: <http://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000149359&page=1>

Fontes impressas

Cabot, Sebastián (1544). *Mappemonde [Document cartographique]*. Bibliothèque Nationale de France, 4 fle et 2 bandes assemblées en 1 fle, en coul., 220x125 cm.

Carvajal; Rojas; Acuña (1941). *Descobrimentos do Rio das Amazonas*. São Paulo/ Rio de Janeiro/ Recife/ Porto Alegre: Companhia Editora Nacional.

Gutiérrez, Diego; Cock, Heronymus (1562). *Americae sive qvartae orbis partis nova et exactissima descriptio*. Library of Congress, [Antwerp: s.n], printed on 6 sheets, 83 x 86 cm.

Tramezzino, Michele (publisher) (1554). *[Map of the World in hemispheres]*. John Carter Brown Library, Venet [Veneza], engraving, 75,3 x 74,2 cm.

RESUMOS

Neste artigo busca-se explorar o processo de invenção do rio Amazonas nos mapas-múndi e regionais após a expedição castelhana de Francisco de Orellana (1541-1542), que navegou por quase todo o curso fluvial. O objetivo será acompanhar a produção cartográfica europeia que assimilou as informações obtidas nessa viagem e analisar a forma como elas foram interpretadas graficamente. Os principais trabalhos cartográficos a serem estudados são os mapas-múndi de Sebastião Caboto (1544) e Sancho Gutiérrez (1558) e o mapa da América de Diego Homem (1558). Dessa forma, propõe-se refletir sobre a composição cartográfica do ente amazônico enquanto um produto dos dados geográficos obtidos pela observação e pelo contato com as diversas populações das províncias indígenas moldados pelas lentes dos intermediários europeus.

Este artículo busca explorar el proceso de invención del río Amazonas en mapamundis y regionales tras la expedición castellana de Francisco de Orellana (1541-1542), quien navegó casi todo el curso del río. El objetivo será realizar un seguimiento de la producción cartográfica europea que asimiló la información obtenida en ese viaje y analizar la forma en que fueron

interpretadas gráficamente. Las principales obras cartográficas a estudiar son los mapamundis de Sebastião Caboto (1544) y Sancho Gutiérrez (1558), y el mapa de América de Diego Homem (1558). De esta forma, se propone reflexionar sobre la composición cartográfica del ente amazónico como producto de los datos geográficos obtenidos por la observación y contacto con las diversas poblaciones de las provincias indígenas conformadas por los lentes de los intermediarios europeos.

This article seeks to explore the process of inventing the Amazon River on world and regional maps after the Castilian expedition of Francisco de Orellana (1541-1542), who sailed almost the entire river course. The objective will be to monitor the European cartographic production that assimilated the information obtained on this trip and analyze the way they were interpreted graphically. The main cartographic works to be studied are the world maps of Sebastião Caboto (1544) and Sancho Gutierrez (1558), and the map of America by Diego Homem (1558). In this way, it is proposed to reflect on the cartographic composition of the Amazon River entity as a product of the geographic data obtained by observation and contact with the diverse populations of the indigenous provinces shaped by the lenses of European intermediaries.

Cet article cherche à explorer le processus d'invention du fleuve Amazone sur les cartes mondiales et régionales après l'expédition castillane de Francisco de Orellana (1541-1542), qui a parcouru presque tout le cours du fleuve. L'objectif sera de suivre la production cartographique européenne qui a assimilé les informations obtenues lors de ce voyage et d'analyser la manière dont elles ont été interprétées graphiquement. Les principaux ouvrages cartographiques à étudier sont les cartes du monde de Sebastião Caboto (1544) et de Sancho Gutierrez (1558), et la carte de l'Amérique de Diego Homem (1558). Il est ainsi proposé de réfléchir sur la composition cartographique de l'entité du fleuve Amazone en tant que produit des données géographiques obtenues par observation et contact avec les diverses populations des provinces indigènes façonnées par les lentilles des intermédiaires européens.

ÍNDICE

Índice geográfico: Amazônia

Palavras-chave: Rio Amazonas, História da Amazônia, Século XVI, América do Sul, Brasil Colonial

Palabras claves: Río Amazonas, Historia de la Amazonía, Siglo XVI, América del Sur, Brasil colonial

Índice cronológico: 1540-1560

Keywords: Amazon River, History of the Amazon, 16th Century, South America, Colonial Brazil

Mots-clés: Amazone, Histoire de l'Amazone, 16e siècle, Amérique du Sud, Brésil colonial

AUTOR

LUCAS MONTALVÃO RABELO

Doutorando em História Social na FFLCH-USP, Bolsista CAPES

lucas.montalvao@usp.br